Susana Fonseca
Presidente da Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza

Consumo alimentar: como reduzir a **pegada ecológica**

No presente o tema da crise domina o debate público. Seja nos meios de comunicação social, seja nas conversas entre colegas, familiares ou amigos, o pensamento e as acções estão "enviesadas" pelo fantasma da crise económica. Se olharmos para a origem desta crise, verificamos que ela tem muitos pontos comuns com o que motivou a actual crise ambiental. Mas analisemos então alguns factores que nos conduziram à presente crise económica. A ganância, o individualismo, uma visão de curto prazo e um desenvolvimento sem base real foram contribuintes activos para a situação presente. Se olharmos para o que tem vindo a acontecer com o capital natural verificamos que este tem estado a ser vítima de abordagens em tudo semelhantes.

É um facto que são ainda poucos os que conseguem vislumbrar a verdadeira crise que se avizinha. Tenhamos em conta os seguintes dados (EEB, 2009):

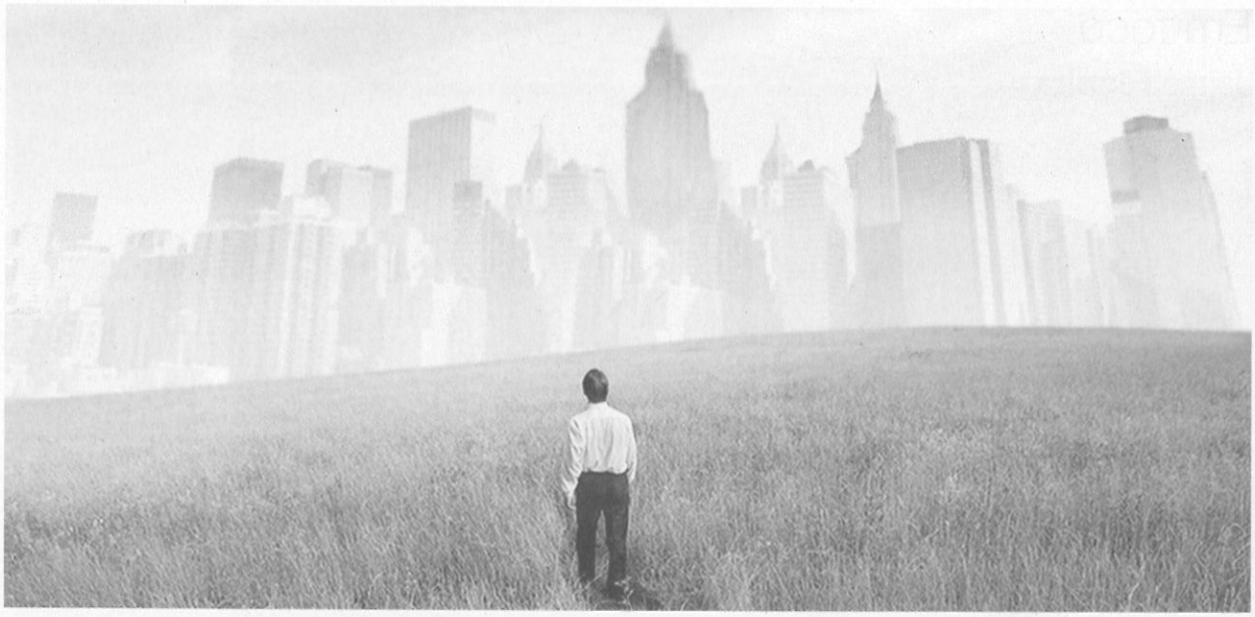
- Metade das florestas tropicais e temperadas já desapareceram;
- Cerca de metade das zonas húmidas e um terço dos mangais foram destruídos;
- Estima-se que 90% dos principais predadores marinhos desapareceram e que 75% dos recursos pesqueiros estão em sobrepesca ou no limite;
- 70% dos recifes de corais estão ameaçados ou destruídos;
- Em 35 anos perdemos um terço da vida selvagem;
- Cerca de metade do solo agrícola nas regiões mais secas já está deteriorado ou em processo de desertificação;
- Actualmente a pegada global excede em cerca de 40% a capacidade de carga do planeta;
- Mais de 3/4 da população mundial vive em países em débito ecológico, ou seja, países que não possuem recursos próprios para sustentar todas as necessidades internas de produção e consumo;
- A biocapacidade do planeta é de cerca de 1,8 hectares globais por pessoa; actualmente, a exploração de recursos associada ao consumo médio europeu ocupa 4,6 hectares e no caso dos EUA chega aos 9,6 hectares por pessoa.

E todos estes indicadores surgem num momento em que apenas uma parte da população mundial vive no mundo da abundância. Em 2006, os 65 países com maior rendimento eram responsáveis por 78% dos gastos em consumo, muito embora alberguem apenas 16% da população mundial (State of the World, 2010: 6).

Contudo, para além do cenário presente, há ainda que levar em linha de conta que, em 2050, se estima que a população terá crescido dos actuais 6 mil milhões para 9 mil milhões. Tal implicará, entre outras coisas, que a biocapacidade disponível do planeta será então de 1,2 hectares/pessoa, muito abaixo dos 4,6 hectares que cada europeu consome nos dias de hoje. Assim, o desafio passa por, em 2050, cada europeu reduzir a sua pegada para 25% do que é hoje.

Sendo a espécie humana uma espécie consumidora, que se limita a transformar aquilo que a natureza lhe fornece, devemos ter sempre presente que o ambiente é o nosso factor limitante. É o factor limitante porquanto se não houver água, solo, ar, bem como outros recursos naturais, estamos condenados ao desaparecimento. Em suma, não há economia nem sociedade, sem uma base de apoio, neste caso, fundada nas capacidades do planeta Terra. Assumir esta perspectiva de predominância da dimensão ambiental sobre todas as outras, nem sequer espelha qualquer intuito altruísta de reconhecer o direito às restantes espécies e ao planeta como um todo, de terem o seu espaço sem serem constantemente utilizados ou prejudicados pela acção humana. Antes resulta de uma abordagem que podemos apelidar de egoísta, onde o reconhecimento da importância dos limites do planeta decorre da constatação, óbvia, de dele sermos dependentes.

Um dos grandes contribuintes para a situação actual é, sem dúvida, a área da alimentação. Estudos realizados pela Agência Europeia de Ambiente chegam ao impressionante número de que **1/3 do impacte ambiental dos agregados europeus resulta da alimentação,** nomeadamente, quando consideramos: a sua produção, o seu processamento e comercialização, a



sua refrigeração e congelamento e os resíduos que daí resultam. Na UE15 os resíduos de embalagem equivalem já a 160kg/por pessoa/por ano - mais de $^{2}/_{3}$ são relativos a alimentação - isto para não falar do desperdício; dados do Reino Unido indicam que todos os anos os agregados familiares deitam fora mais de 8 milhões de toneladas de comida. Se essa comida fosse aproveitada a poupança de CO_2 seria equivalente a retirar de circulação 1 em cada 4 carros actualmente em uso. De referir, ainda, que este impacto não é localizado, uma vez que uma boa parte da alimentação de hoje tem ramificações a diferentes países e continentes.

Mas analisemos um pouco melhor os diferentes impactos da nossa alimentação:

- Consumo e poluição da água:
  - Desperdício para uso agrícola continua a ser enorme;
  - Elevados consumos virtuais: para produzir uma maçã são necessários 70L, uma chávena de café 140L, um copo de leite 200L e 1Kg de carne de vaca 16 mil litros;
  - Risco de poluição por uso de fertilizantes e pesticidas;
- Esgotamento e poluição do solo;
- Destruição de áreas naturais para ocupar com culturas agrícolas e redução da biodiversidade por influência da simplificação da paisagem e pelo uso de produtos fitofarmacêuticos;
- Poluição do ar e emissões de gases com efeito de estufa directas e indirectas (transporte dos produtos até ao processamento, ao local de venda ou de consumo, embalagem e conservação);
- Sobre-exploração de muitos recursos (como por exemplo a pesca);
- Desperdício na produção, processamento e utilização / deposição final.

Sendo a alimentação uma necessidade básica, é fundamental procurar formas de a tornar sustentável. Algumas possíveis propostas passam por:

- Promover sistemas de etiquetagem - rótulo da sustentabilidade - e campanhas de informação;
- Apoiar financeira e tecnicamente as práticas de agricultura sustentável;
- Fomento das hortas urbanas;
- Internalização dos reais custos de cada opção;
- Exemplo do Estado - promoção da agricultura biológica em escolas e cantinas;
- Baixar níveis na cadeia alimentar, por exemplo, substituindo refeições de carne ou peixe por refeições vegetarianas e limitar as quantidades de proteína às sugestões dos especialistas;
- Adquirir produtos de agricultura biológica, locais ou regionais e da época;
- Planear bem as compras para não ter desperdícios;
- Evitar produtos processados, pré-preparados ou que necessitem de refrigeração;

Para responder aos desafios que se nos colocam é urgente integrar, no nosso processo de tomada de decisão (seja sobre questões do foro doméstico, profissional ou outro) questões tão simples como: de onde vem o produto ou serviço? Em que condições foi produzido (sociais e ambientais)? Quais os impactos da sua produção, uso e eliminação? Quais os custos reais do produto ou bem? Quem os suporta (comprador, o ambiente, as gerações futuras)? Temos que ser mais conscientes, mais exigentes (connosco e com os outros) e proactivos. E tudo isto para nosso próprio bem, pois o nosso bem-estar depende, directamente, do equilíbrio do Planeta que nos sustenta.

Principais fontes
The Worldwatch Institute (2010): State of the World - Transforming Cultures: from consumerism to sustainability, W. W. Norton Company, New York.
EEB e SCORE (2009): Blueprint for European Sustainable Consumption and Production: Finding the path of a transition to a sustainable society, EEB, Brussels.
www.rprogress.org (Redefining Progress)
www.teebweb.org (The Economics of Ecossystems and Biodiversity)
www.unep.org/greeneconomy
www.iucn.org (União Internacional para a Conservação da Natureza)
www.quercus.pt ou
www.earth-condominium.com
www.eea.europe.eu